



**FEDERASUL**

Filiada à CACB

Carta de Conjuntura Econômica ao Interior  
Ano III N.º XIV

**Um novo cenário internacional**

Nos últimos dez anos a conjuntura econômica internacional está sofrendo importantes mudanças. A China, por exemplo, que agia como um agente deflacionador dos preços internacionais através de suas exportações em larga escala a preços baixos, passou a influenciar nos preços de maneira diferente. Atualmente a potência chinesa está pressionando os preços mundialmente através de seu consumo crescente de matérias-primas, *commodities* agrícolas, petróleo e minérios. O impressionante crescimento desse país está exigindo uma produção mundial crescente destas matérias-primas, desta forma, com a demanda crescendo em um ritmo mais rápido que o da produção mundial, o resultado elementar deste desequilíbrio é a inflação.

É possível observar essa dinâmica inflacionária em quase todos os países, seja do primeiro ou terceiro mundo. A inflação dos últimos 12 meses, acumulado até março de 2008, da Suíça, Suécia, EUA, Chile, Coreia do Sul, Rússia e Brasil é significativamente mais elevada que a inflação acumulada para o mesmo período de 2007. Um reflexo dessa conjuntura pode ser observado pela recorrente elevação dos juros patrocinada por Bancos Centrais de países como Austrália, Brasil e Chile. O Chile elevou sistematicamente sua taxa básica de juros em dezembro de 2007 (6,00% a.a.) e janeiro de 2008 (6,25% a.a.) visando controlar sua inflação crescente, a Austrália elevou seu juro ao maior nível em 12 anos (7,25% a.a.) e após 3 anos de uma seqüência de cortes nos juros, o Banco Central brasileiro voltou a elevar o juro real do Brasil para o maior patamar mundial.

A Austrália vem passando por um momento delicado em sua economia, o segundo principal produto exportado, o trigo, tem sofrido com a estiagem nas últimas duas safras. Como um grande exportador mundial de trigo, a Austrália ajudou a pressionar o quadro de queda da oferta mundial do cereal, intensificando a influência deste item na inflação mundial. A Argentina, outro grande exportador de trigo, também tem contribuído para o agravamento desse cenário, pois além de aplicar uma tarifa de exportação, artifício não usual em economias de mercado, elevou a tarifa do trigo de 20% para 28%. Não bastasse esta atitude protecionista e anacrônica, a Argentina segue restringindo os registros para a exportação do cereal, impactando diretamente no Brasil, principal consumidor do trigo argentino.

Depois da disparada dos preços do feijão no mercado interno, em 2007, o arroz é o mais novo vilão da inflação em 2008. Em plena colheita da safra brasileira os preços no mercado interno já subiram 30%, refletindo uma carência de oferta em função da demanda crescente por alimentos. A população não sabe detalhes deste processo, mas percebe em cada ida ao supermercado a elevação dos preços dos principais produtos que compõe a cesta básica. No varejo, o pão francês acumula alta de 3,22%, em 2008, o feijão 9,27%, o arroz 2,29% e o óleo de cozinha 27,69%, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE). O preço do arroz na Chicago Board of Trade (CBOT) para contratos com vencimento em maio atingiu a marca histórica de US\$ 524 por tonelada. Em virtude desta dinâmica, uma das principais varejistas do mundo (Walmart) implementou nos EUA uma cota de 4 pacotes de um quilo de arroz por pessoa. Esse cenário de reversão na tendência de queda, que já perdurava há décadas, deixou as cotações do arroz significativamente mais elevadas, provocando maiores danos à população de países menos desenvolvidos. Essa situação de desabastecimento e preços elevados tem causado conflitos sociais no Egito, Burkina Faso, Camarões e Haiti. O temor, por conta da Organização das Nações Unidas (ONU) é de que essas inquietações possam se expandir, ou,

até mesmo prejudicar a missão de estabilização da qual o Brasil faz parte no Haiti. Boa parte desse cenário poderia ser evitado se grandes exportadores como Vietnã, Índia e Camboja não tivessem implementado medidas para restringir as exportações.

No Brasil o quadro causou furor no mercado e colocou o Governo diante de um paradoxo. De um lado, o governo preocupado com a inflação dos alimentos no país chegou a sinalizar que aplicaria restrições as exportações do arroz, fato que imediatamente desagradou os produtores que não viam o preço deslanchar assim desde 2004. Para o alívio dos produtores, o Governo não implementou as restrições sinalizadas e optou por liquidar os estoques que se encontravam em nível elevado, através de leilões públicos. Com esta atitude o Governo se coloca em outra situação paradoxal. Pois, produz paralelamente duas medidas que se anulam. Ao acelerar o ritmo e volume dos leilões públicos, o governo contraria sua ação em outra ponta, que é dos Empréstimos do Governo Federal (EGF) destinados a essa safra, que são 24,8% superiores a safra passada. Estes empréstimos são postos em prática para possibilitar que o produtor escalone suas vendas de arroz no período de safra (que teoricamente o preço seria mais baixo) para que desta forma ele não se veja obrigado a vender sua produção (em vista de seus deveres financeiros) em um momento pouco apropriado.

Por mais catastrófico que pareça este cenário não há motivo para pânico. Se, por um lado, há razões para preocupação, em uma outra perspectiva esta nova conjuntura lança luz sobre uma sombria questão, que é a dos biocombustíveis. Atualmente, existe um apelo mundial que busca culpar os países produtores de biocombustíveis pela inflação dos alimentos. Fala-se que estes países, no qual o Brasil está incluído, estão trocando as lavouras destinadas para a produção de alimentos para a produção de combustíveis e, desta forma, causando uma diminuição da oferta de alimentos. Porém, a conjuntura acima exposta transparece a impressão que a causa real desta inflação mundial de alimentos está sendo causada por outros fatores. O caso do etanol americano, produzido através do milho, é um exemplo que contempla alguns destes pontos. Na verdade, a produção de milho nos EUA não está sendo suficiente para atender todas as utilidades que esta importante matéria-prima possui. Fala-se que o frango consumido mundialmente nada mais é que uma metamorfose do milho, pois mais de 50% de seu custo é composto pelo cereal. Vulgarmente se denomina o frango como o milho que anda e coloca ovos. Assim, a elevação nos preços do milho é em função da falta do cereal para a produção de álcool, ração animal e alimentação humana. Este exemplo também é aplicável para a soja e seus derivados como o óleo de soja. O Brasil, como grande patrocinador mundial da produção de álcool, através da cana-de-açúcar, não deve aceitar a culpa pela atual conjuntura. A economia mundial passa por um momento de ajuste, e o descompasso entre oferta e demanda de diversos produtos é o reflexo desta mudança.

A verdade é que milhares de pessoas no mundo estão saindo da linha de pobreza extrema e passando a se alimentar melhor, como é o caso da China e Índia. Paradoxalmente, estas mesmas pessoas serão as mais atingidas pela atual inflação dos alimentos, fato que fará com que algumas, inclusive retornem para a linha de pobreza extrema que antes se encontravam.

#### **Autores:**

**Sérgio Leusin Júnior** - [sergio.leusin@federasul.com.br](mailto:sergio.leusin@federasul.com.br)  
**Rafael Pentiado Poerschke** - [rafael.poerschke@safras.com.br](mailto:rafael.poerschke@safras.com.br)

Como estou lhe atendendo? Dê sua opinião pelo email:  
[federasul@federasul.com.br](mailto:federasul@federasul.com.br)